



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



CORUMBÁ, MS, 8 DE DEZEMBRO DE 2000

Meu caro Governador e amigo Zeca do PT; Ministros aqui presentes; Ministro Felipe Lampreia; Ministro Rodolpho Tourinho; Parlamentares, aqui, da nossa bancada; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Prefeitos da região de Corumbá e de Três Lagoas; Presidentes das empresas parceiras do pólo siderúrgico; Senhoras e Senhores,

Vou imitar o Governador Zeca. Eu já não gosto de ler texto. Agora, depois desse discurso tão cheio de vida e de emoção, do Governador, seria uma descortesia da minha parte se eu fosse ler um texto e se não tentasse agradecer a ele, também, da mesma forma como ele foi generoso para comigo. Sem nenhuma generosidade, agradeço a ele e ao povo de Mato Grosso do Sul aquilo que, realmente, está sendo feito aqui e que tem, efetivamente, tido o apoio do Governo e das bancadas do Estado de Mato Grosso do Sul.

Recordo-me, Governador, de que há algum tempo o recebi, no meu gabinete. O Senhor vinha acompanhado pelos Senadores. Os Governadores, sempre que vão falar comigo, trazem os Senadores. E, como

fui Senador, nós temos uma relação de fraternidade e isso facilita a conversa. E lá estavam o Juvêncio, o Tebet, nosso Lúdio ali presentes.

Pois bem, e lá me falaram, efetivamente, de um pólo siderúrgico. Ora, o Presidente da República está sempre acostumado a ouvir propostas, pedidos, idéias, quase sempre grandiosas. O que é muito bom. Demonstra que o País está sonhando, está querendo alguma coisa. E a primeira reação, quase sempre, é uma reação de cautela do Presidente, porque não sabe se pode ou não pode. E os recursos? E a bancada vai votar, no Congresso? E os poderosos Ministros da área econômica, o que que vão dizer desse sonho? Será que eles vão deixar o Presidente sonhar junto, ou vão botar o Presidente com o pé no chão, como é mais razoável que esteja para que possa, realmente, ao dizer "sim", efetivar?

Pois bem, hoje nós estamos vendo, já disse o Governador, a concretização daquilo que, naquele momento, aparecia como muito distante. Quantas vezes ouvi falar do Mutum, quantas vezes ouvi dizer que há recursos naturais, que só falta uma coisa – energia – como se fosse só uma coisinha que faltasse.

Vim aqui, ao Pantanal – e vim muitas vezes, porque gosto do Pantanal, todo mundo sabe disso – a Corumbá, como Presidente, é a quarta vez que venho. Como Presidente, sem contar antes, eu ouvia falar nessa história, as riquezas que existem aqui, a possibilidade de usarmos os rios para transportar as riquezas. Só falta uma coisa: energia.

Pois bem, hoje nós estamos dando os passos fundamentais para que não venha a faltar energia. É isso que faz com que esse sonho vire realidade. É isso que faz o que o Governador chamou de uma parceria entre Governo Federal e estadual – e faço, mesmo, parcerias com os Governadores – seja acrescentando a parceria com as empresas, mas que seja motivada, cimentada, essa parceria, e essas todas parcerias, com aquilo que é mais importante do que o poder, que é o sentimento do povo.

O povo do Mato Grosso do Sul, o povo do Pantanal, queria e precisava que houvesse um pólo siderúrgico, e vai ter o pólo siderúrgico. Vai ter porque ele é viável, ele é concreto. E as nossas empresas,

a Diuc, a Vale do Rio Doce e, sobretudo, a Petrobras, estão firmes, aqui, para constituirmos, realmente, um pólo siderúrgico.

E, ao ver essa realidade do Brasil – daqui a pouco vou a Cuiabá e lá, o Oswaldo Parma foi um dos primeiros a sonhar sobre essa questão de Manso – nós vamos ver, lá em Mato Grosso, também, a concretização de outro sonho, que é de gerar mais energia, através da usina da qual eu vou apertar o botão, hoje, a Usina de Manso, lá em Cuiabá.

Ao ver o que está acontecendo aqui, no Oeste do Brasil, eu é que tenho que agradecer a esse povo brasileiro, que acreditou no que nós estamos propondo para o País.

Às vezes, vejo, nos jornais, uma discussão estéril: estabilidade ou desenvolvimento? O Governador respondeu. Tem que fazer o ajuste fiscal. Isso não é de esquerda, não é de direita, é do povo, que não pode ver o seu dinheiro indo embora pelo ralo de políticos incompetentes e incapazes de tomar decisão, de ter a firmeza de dizer a verdade ao País. Tem que fazer o ajuste fiscal. Mas, fazer o ajuste fiscal para quê? Para crescer, obviamente.

E o que que nós estamos fazendo, no Avança Brasil, a não ser plantando um novo Brasil? Um novo Brasil. A todo instante, pergunto ao Ministro Tourinho, como pergunto ao Ministro dos Transportes, como pergunto a todos os Ministros das áreas-fins: o que nós estamos fazendo? Perguntei hoje, de novo, quando nós estávamos vindo, no ônibus: quantos megawatts mais estamos adicionando, por ano, ao Brasil? Em 2001, 4 mil megawatts – é isso, Ministro, mais ou menos? É o dobro do que nós fizemos nos anos anteriores, que já foi mais do que se fez antes. Vamos acrescentar uma Itaipu, em quatro, cinco anos, adicional ao crescimento do Brasil.

Isso chama-se ajuste fiscal? Isso se chama desenvolvimento do Brasil. Nós estamos fazendo, praticando. Não é discutindo, falando, debates estéreis de gente que não tem o que fazer e fica perdendo tempo para saber se sou também neoliberal ou desenvolvimentista. Nem neoliberal, nem desenvolvimentista: somos brasileiros que, convencidos de que é necessário fazer, fazemos. Essa é outra bobagem – contra a qual o Governador protestou aqui e eu pro-

testo há seis anos – de gente que não entende o que está acontecendo no Brasil.

Este país está se renovando, porque tem energia, tem seiva, acredita em si mesmo. Ele não quer saber de rancores. Ele não quer saber de ódios. Ele não quer saber de distinções partidárias, quando elas cegam o horizonte do povo.

O Governador disse que podemos ter idéias diferentes e trabalhar juntos. Não tive uma idéia diferente das que ele disse aqui. Todas são as mesmas. São idéias de brasileiros. E há momentos em que temos que ter a grandeza e a humildade também de ver que não estamos fazendo porque somos de tal ou qual partido, porque temos tal ou qual ideologia, e cada vez isso perde mais importância. É porque somos honestos, porque somos trabalhadores e porque somos sensíveis ao clamor da população brasileira. Isso é o que o povo pede de nós. E é isso que temos que fazer. E estamos fazendo.

O Brasil, hoje, retomou o crescimento. A indústria brasileira cresceu 6,5% ao longo deste ano. Isto é estabilidade pela estabilidade? A produção agrícola – e aqui, um estado que é agrícola, sabe-se que, no começo dos anos 90, produzíamos cinqüenta e poucos milhões de toneladas de grãos. Estamos chegando perto de 90 milhões de toneladas de grãos. E tomara possa entregar o governo a meu sucessor dizendo: 100 milhões de toneladas de grãos produzidos no Brasil. Não cresceu tanto, mas a produtividade aumentou – 100 milhões de toneladas. Quisera poder dizer isso. Mas eram cinqüenta e poucos milhões. Hoje já são mais de 80 e se aproximam dos 90.

Isso é estabilidade? Isso é amor ao FMI ou é amor à Pátria? Chega de demagogia! É amor à Pátria, ao povo, que é o que precisamos. Mas não nas palavras. Na ação concreta.

Nada melhor para nos sentirmos restabelecidos na confiança em nós mesmos do que visitar este estado, do que visitar os estados do Oeste do Brasil, do que visitar a Amazônia, as áreas de novas fronteiras do Brasil, onde vemos que tudo, mas tudo mesmo, está sendo mudado, e mudado para melhor. Não é crescimento pelo crescimento. É crescimento porque dá emprego. É crescimento porque dá re-

cursos para o estado ter uma educação melhor. É crescimento porque permite que haja ações de saúde mais eficazes. É crescimento porque permite combater a fome.

Vejo, de vez em quando, outras incompreensões sobre a questão de cestas básicas, como se o Governo Federal fosse cortar as cestas básicas. Não é isso. Vamos mudar o programa. Em algumas áreas, já é possível distribuir recursos, em dinheiro, para a mulher, especialmente, chefe de família, para que compre na região o produto de que ela necessita. Em outras regiões, isso não é possível. Em outras situações sociais isso não é possível. É preciso compatibilizar programas com uma visão mais dinâmica. Mas, certamente, é importante, é básico que não haja fome neste país, porque não é possível aceitar a fome em um país que tem, como acabei de dizer, capacidade de produzir não sei quantos milhões de toneladas de grãos, para não falar do que produzimos na questão da pecuária, e por aí vai. É um novo Brasil.

E esse novo Brasil depende desse espírito também novo, dessas parcerias também novas. É preciso que a sociedade se mobilize e não só o Governo, não só o Estado. É preciso também que se sinta que esse novo Brasil, que confia no futuro, é um Brasil que se integra. Como estou vindo da Bolívia, há pouco, e muitos dos Senhores e das Senhoras me acompanharam à Bolívia, porque estamos fazendo uma integração regional de novo tipo, que é mutuamente benéfica. Estamos nos integrando no nosso Mercosul. Vamos competir em uma escala mais ampla, global.

Mas só faremos isso se tivermos a capacidade também do desenvolvimento científico e tecnológico. E é por isso que, em cada área que foi privatizada, criei um fundo específico de apoio à pesquisa científica e tecnológica. Só na área do óleo, do petróleo, já temos, neste ano, 150 milhões de reais. E vamos crescendo de tal maneira que, no ano que vem, imagino que, no conjunto dos fundos criados, teremos 1 bilhão de reais para o desenvolvimento científico e tecnológico. Não para substituir verbas já existentes no Ministério de Ciência e Tecnologia, mas para se acrescentar verbas, de tal maneira que seja possível ter projetos específicos, não apenas fechados às universidades, mas às em-

presas também, para que possamos treinar mais gente e ter capacitação técnica, porque é aí que vamos jogar o futuro.

E é por isso também que estamos desenvolvendo um programa vigoroso para dar acesso aos computadores àqueles que estão nas escolas públicas. O Brasil tem 250 mil escolas públicas – 250 mil. A imensa maioria dos brasileiros estuda em escola pública, no curso primário. E, lá, estamos distribuindo computadores. Distribuímos 25 ou 30 mil. No ano que vem, serão 70 ou 80 mil. Vamos chegar, com o suceder dos anos, a entregar a todas. E não é só botar o computador. É ligar na Internet. E não é só isso. É ter o professor capaz de ensinar para que a pessoa saiba como funciona o computador, para que não venha a ser, no futuro, uma espécie de analfabeto digital.

Isso estamos construindo. Com o quê? Com o dinheiro que tiramos. Tiramos de onde? Das empresas que se privatizaram. Porque privatizamos a telefonia, hoje, já temos cerca de 23 milhões de telefones celulares. Tínhamos sabem quantos, há três anos? Oitocentos mil. E vamos chegar – está nos jornais de hoje – a 40, 50, 60 milhões de telefones celulares. Com que dinheiro, se não tínhamos dinheiro para investir? Se as empresas têm, elas que invistam. E as agências reguladoras que controlem, como a Anatel, como a Aneel, que controlem o bom uso do dinheiro público e o atendimento à clientela.

Ainda ontem, a Aneel fez uma pesquisa para saber se as empresas distribuidoras de energia elétrica estavam atendendo a contento à população. Quando, no passado, se fez isso? Quando se foi ver qual era o interesse do consumidor? Quando? Estamos fazendo. Não é entregar ou deixar que o mercado faça as coisas. É o mercado sob pressão social. É o mercado regulado pelo Estado. É o mercado do qual se extraem também os recursos para aquelas funções, aquelas tarefas inerentes ao poder público, como pesquisa em ciência e tecnologia, para que o Brasil possa olhar o futuro com mais confiança.

É por isso, Governador, que, ao vir aqui, sinto a mesma emoção que o Senhor sente, ao vir aqui, a Corumbá, e ver que há uma interação efetiva no plano administrativo, que o Ministro Tourinho tem sido um Ministro competente, que essa questão de que vamos ter

falta de energia – não vamos ter falta de energia coisa nenhuma, nós vamos é continuar produzindo energia, para o Brasil continuar crescendo; não vai ser só energia das grandes produtoras de hidrelétrica, mas também das termelétricas; e não só nas termelétricas, as grandes, mas também nos programas que estamos fazendo, de utilizar pequenas unidades de produção, de tal maneira que aqueles que consomem energia, eles próprios possam terceirizar essa produção. E esse programa vai nos gerar, e já, já, com produto fabricado no Brasil, uma quantidade apreciável de energia, para que possamos continuar crescendo.

Estamos fazendo essa transformação toda no Brasil. E é por isso, Governador, que vejo que este estado vibra na mesma toada em que estamos vibrando. E também quero lhe dizer que sempre encontrei na sua pessoa, como encontrei nos Senadores e nos Parlamentares do Mato Grosso Sul, o espírito público, a decisão de ver o que tem que ser feito e não a intolerância de dizer: “Não. Esse não vai fazer. Aquele faz. Esse é meu. Aquele é seu.” Nada disso. Espírito público.

Eu comemoro, portanto, celebro que, neste exato momento em que estamos fazendo um marco na transformação desta região, que vai se transformar em exportadora de energia, que tenhamos um marco tão significativo quanto esse: o marco de brasileiros que são capazes de se darem as mãos uns aos outros, sentindo o que é necessário fazer pelo país.

Aperto a mão do Governador do Mato Grosso do Sul. E, ao apertá-la, aperto de todos os mato-grossenses aqui presentes, de toda a bancada e de toda a população, homens e mulheres, porque ele representa o povo deste estado, da mesma maneira como ele disse que represento o povo do Brasil. E nós temos que estar juntos na defesa dos interesses nacionais, interesses do nosso povo.

Vejo que aqui podemos marchar para uma caminhada de parcerias. Não só aqui, mas em todo o Brasil, à condição de que as pessoas se dispam dos seus preconceitos, das suas vaidades, das suas idiossincrasias e até mesmo do seu interesse meramente partidário, e que pensemos juntos por um grande Brasil.